

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT14.029

ANÁLISE DA CATEGORIA TRABALHO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA NOS DOCUMENTOS DO PROGRAMA DESPERTAR À LUZ DO MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO

Marize Santos Celestino¹
Silvana do Nascimento Silva²

RESUMO

O presente estudo fundamentou-se em Karl Marx (1984) trazendo uma análise da categoria trabalho e o sistema capitalista que, valendo-se de uma abordagem crítica, buscou especificar as contradições e a exploração do trabalho humano gerado pelo capitalismo e a Educação Ambiental Crítica, apresenta um campo de discussões necessárias para refletir as relações de trabalho e ambiente. O presente trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado defendida na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia campus universitário Jequié. Com base na análise de documentos referenciais do Programa Despertar, o estudo objetivou analisar como é apresentada as relações entre a categoria trabalho e o sistema capitalista nos documentos selecionados. Os dados da pesquisa foram obtidos a partir da análise documental e posteriormente analisados conforme as categorias propostas pelo Materialismo Histórico Dialético. Diante dos resultados obtidos e da análise realizada, foi possível constatar que o Programa Despertar apresenta as perspectivas que se situam no entendimento do trabalho como uma fonte para obtenção de recursos, sem possibilitar uma conscientização dos objetivos que norteiam a relação trabalho- natureza e sociedade e suas consequências. Além disso, nota-se que o documento reforça

1 Mestra pelo Programa de Pós-graduação de Educação Científica e Formação de Professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, marysolbinha@hotmail.com;

2 Doutora e docente do Programa de Pós-graduação Educação Científica e Formação de Professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, silvananascimento@uesb.edu.br;

a lógica do capitalismo, há um estímulo para que a venda da força de trabalho seja vista como uma possibilidade de ascensão financeira, sem aprofundar em questões de identidade e emancipação.

Palavras-chave: Análise documental, Capitalismo, Materialismo Histórico Dialético.

INTRODUÇÃO

As transformações decorrentes dos modos de produzir, consumir e comercializar oriundos do modelo capitalista moderno e extrativista desencadearam no decorrer dos séculos o desequilíbrio ambiental, extinção de espécies, perda da biodiversidade, exploração do homem pelo homem fomentando exclusões e miserabilidade (PIMENTEL, 2012). Conforme o autor, essa nova forma de organização contribui com o aumento da desigualdade social e a pobreza, e por conseguinte colabora, cada vez mais, o crescimento do desemprego e da violência que é perceptível principalmente nos países subdesenvolvidos.

Para Fontes (2010), essa relação social fundamental no capitalismo repousa sobre uma “expropriação originária”, nesta, os trabalhadores são expulsos do campo, retirando-lhes os meios de produção para a sua própria existência e os converte em trabalhadores sem-terra.

A expropriação, ora sob aspecto unicamente econômico, ora demográfico, abrange praticamente todas as dimensões da vida. Incide sobre direitos tradicionais, como uso de terras comunais, direitos consuetudinários, relação familiar mais extensa e entajuda local, conhecimento sobre plantas e ervas locais, dentre outros aspectos, e envolve profundas transformações culturais, ideológicas e políticas (FONTES, 2010, p. 51).

Assim, o modo de produzir, advindo do capitalismo, vai estabelecendo a classe dominante que detém o poder e que explora a natureza para acúmulos de suas riquezas e para isso usa e explora a classe dominada. Em Marx (2008), encontramos apontamentos que é possível que essa relação seja modificada somente através da superação do modelo capitalista. Segundo o autor, para haver uma transformação é necessário que haja mudanças no sistema e para isso faz-se necessário entender o materialismo histórico-dialético como uma prática social que rompe com os ditames do capital e que dessa forma pode trazer, ao trabalhador do campo, que fora expropriado, o sentimento de pertença e de luta pelos seus direitos. Nessa conjuntura nos debruçamos nas relações do trabalho a partir do capitalismo, à luz do materialismo histórico dialético.

De acordo ao dicionário da Língua Portuguesa a definição de trabalho está associada a um conjunto de atividades exercidas pelo homem com determinado fim. Outra definição está atrelada à “atividade profissional regular, remunerada ou assalariada”.

Karl Marx (2004) define o trabalho enquanto uma forma de metabolismo que permite ao ser humano utilizar de sua força para exercer, produzir algo (lucrativo), transformando a natureza e lhes garantindo sobrevivência. É uma forma de intercambio indissociável entre a sociedade e a natureza onde os seres humanos transformam a natureza e a própria condição da existência humana. Segundo o autor a relação entre os seres e humanos e a natureza acontece por meio do Trabalho, e é nessa ação que o “homem media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo usa a força natural para se defrontar com a matéria, através, de seu corpo, utiliza as forças naturais e apropria-se da natureza para benefícios de sua própria sobrevivência” (MARX, 2004).

Pressupomos o trabalho numa forma em que ele diz respeito unicamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente (MARX, 2013, p. 255-256).

Desta forma entendemos que o Trabalho permite ao ser humano empregar sua força, suas habilidades e seus desejos sobre a natureza, criando os bens necessários para sua sobrevivência e seus objetivos. O trabalho é, assim, um bem ‘inalienável’ do ser humano, que o diferencia dos outros animais (MARX, 2004). Nessa direção, entende-se que, para o autor, o trabalho é ontológico, estando diretamente ligado à existência humana.

Para Marx e Engels (2004) trabalho e trabalho abstrato são divergentes, enquanto que o trabalho diz respeito a uma atividade de transformação da natureza que serve para a construção de si próprio, o segundo está para além, concerne a uma alienação pois diz respeito a uma atividade social para obtenção de salário. O trabalho abstrato seria então a redução da produção humana em mercadoria, ou seja, o salário é o preço da força de trabalho, e desta forma o todo trabalho assalariado é, portanto, um trabalho abstrato! Nessa perspectiva há uma submissão ao mercado capitalista e o ser humano é tido enquanto mercadoria.

Percebe-se que embora na atualidade não haja discussões acerca da diferença entre trabalho e trabalho abstrato e que tenham sido interpretados a partir

de um único sentido, para Lessa (2012) isso é um equívoco que de fato não pode ser tido como verdade, uma vez que as distinções entre ambos são reais atendendo a significados específicos. O Ser social estar atrelado ao trabalho, que é uma categoria social, isto é, ele existe a partir de uma totalidade social numa interação sem interrupções e por isso se constitui enquanto abstração. No entanto, a existência social está para além do trabalho, não pode ser resumida a trabalho. Sendo o trabalho uma categoria social ele parte da existência da sociedade. Para os homens se relacionarem com a natureza perpassa pelo relacionamento entre os próprios seres.

Antunes (2004) descreve sobre a necessidade de perceber as mudanças da classe trabalhadora dos dias de hoje, que já não corresponde a mesma classe trabalhadora do século passado. Hoje, “compreende a totalidade dos assalariados, homens e mulheres que vivem da venda da sua força de trabalho a classe-que-vive-do-trabalho”. (Antunes, 1995 e 1999, p.147) – Para ele, esta classe que, não é possuidora dos meios de produção, atualmente vive, um novo período de abrangência, correspondendo a diferentes tipos de trabalhadores: O proletariado industrial que participa diretamente da valorização do capital, e da própria criação do mais-valia os trabalhadores improdutivos que não estão ligados diretamente ao mais-valia, como os trabalhadores de setores públicos, por exemplo. E o proletariado rural que, ao passar pelo processo de expropriação originária, onde é retirado deste o direito de permanecer e viver do trabalho no campo, acaba se tornando um vendedor de sua força de trabalho para o agronegócio.

Compreender, portanto, a classe-que-vive-do-trabalho, a classe trabalhadora hoje, de modo ampliado, implica entender este conjunto de seres sociais que vivem da venda da sua força de trabalho, que são assalariados e desprovidos dos meios de produção. Como todo trabalho produtivo é assalariado, mas nem todo trabalhador assalariado é produtivo, uma noção contemporânea de classe trabalhadora deve incorporar a totalidade dos(as) trabalhadores(as) assalariados(as). (Alves; Antunes, 2004, p.343)

Compreendemos desta forma que, de acordo a Alves e Antunes (2004), a classe trabalhadora existente nos dias atuais é uma classe mais heterogênea e mais complexa, do que a classe trabalhadora do século passado. É uma classe que desde o seu processo de formação e em todo contexto possui demandas diferenciadas, e isso não pode ser entendido como o fim da classe trabalhadora,

mas como diferentes composições dentro desta que se relacionam e garantem a manutenção do capitalismo. Os autores sinalizam que nesta relação que acontece entre a força de trabalho e capital há um processo, que foi denominado por Marx, de subsumção, do trabalho à lógica do capital.

Santos e Silva (2022), afirmam que nessa dinâmica existente na relação trabalho e seres humanos ocorre um movimento ao qual elas descrevem enquanto movimento complexo. Elas descrevem que a partir do momento em que o ser humano se apropria da natureza, nesse modo capitalista de produção, ele passa a controlar os recursos naturais para seu próprio enriquecimento.

Nesse movimento complexo, além de intensificar sua dominação e apropriação, extraindo “recursos” naturais numa proporção exacerbada e subordinando as demais espécies, assume também a luta pelo poder, o que leva a disputas acirradas dentro da própria espécie humana, que por sua vez, sofre divisões e rupturas entre as relações humanas, que passam a tratar não apenas a natureza como objeto do seu domínio, como também os seus pares. (SANTOS; SILVA, 2022, p. 27).

Partindo dos conceitos estabelecidos pelos autores supracitados acerca do trabalho e natureza e que interfere diretamente nas relações entre os seres humanos nasce a reflexão dessa pesquisa acerca da pedagogia utilizada nas escolas do campo para prover o repensar sobre o sistema hegemônico ou permanência do mesmo, que tem ocasionado marcas devastadoras nos camponeses e em suas famílias. Evidencia-se o quanto é importante que o educador do campo esteja comprometido como uma prática libertadora, tendo as escolas como espaço de lutas, debates importantes sobre questionamentos, problematizações, espaços de vivências, e não como mero reprodutor social. Para isso há necessidade de investir na formação de educadores do campo, que carreguem consigo essa luta política de transformação social com objetivos exclusivos para os alunos camponeses.

A partir da experiência como professora em uma escola que, apesar de não estar no campo, atendia alunos da área rural, tivemos a oportunidade de conhecer o Despertar. Um programa, ofertado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), destinado à formação em educação ambiental para professores e estudantes de escolas do campo. A partir dessa experiência surgiu o interesse em pesquisar o Despertar, investigar a sua essência, a partici-

pação e envolvimento dos alunos, professores e a relação da comunidade com o programa.

O Programa Despertar, em parceria firmada com o SENAR-AR/BA surgiu com a proposta de formar professores do campo para promover a educação ambiental em escolas de áreas rurais, com um trabalho voltado para a responsabilidade social, mudanças de valores com postura cidadã e socioambiental. No entanto, evidencia-se que toda prática em EA necessita objetivar o ir além do desenvolvimento de atitudes de preservação ambiental, contemplando o materialismo histórico-dialético, para que haja o desenvolvimento de uma conscientização crítica, com ações problematizadoras, reflexivas e que visem a luta de classes.

Como objetivo geral buscamos analisar a categoria Trabalho a partir dos documentos do Programa Despertar, das observações da prática pedagógica e das entrevistas realizadas com professores licenciados em Pedagogia e Ciências Biológicas de uma escola do campo no município de Jequié/BA

Para atender aos objetivos propostos nesta pesquisa utilizamos alguns conceitos de análise como Educação Ambiental Crítica. Educação do campo; Trabalho; Camponeses; Campo e Transformação social. O método que escolhemos foi o Materialismo Histórico Dialético por considerarmos relevante para os estudos da natureza e das reproduções da classe camponesa ao longo da história. Além disso enfatizamos o estudo das contradições dos fatos, as relações materiais existentes entre as classes trabalhadoras. Segundo Marx (1982), a realidade só poderá ser compreendida através das suas contradições, “os movimentos históricos ocorrem conforme as condições materiais da vida, os modos de produção e a luta de classes”.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada foi fundamentada numa abordagem qualitativa, com caráter descritivo, de comparação e de interpretação com ênfase no “universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes” (MINAYO, 2014, p.11). A escolha pela abordagem qualitativa se deu por compreendê-la como uma excelente proposta para investigação do problema de pesquisa possibilitando uma maior participação no envolvimento do processo e na obtenção dos resultados. De acordo a proposta não haverá perda da cienti-

ficidade e os participantes se tornam coautores no processo de construção do conhecimento.

A abordagem qualitativa que “envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.13).

A abordagem em questão surge como oportunidade para produzir conhecimento científico, levando em consideração a realidade vivenciada pelo objeto em estudo, mediante seu contexto histórico e social. A partir da pesquisa qualitativa é possível tentar compreender a totalidade do fenômeno sem precisar focar nos conceitos específicos, além de ressaltar a importância das interpretações dos eventos. Também visa o não controle do contexto da pesquisa, uma vez que se centra na captação do contexto na totalidade, isto implica em não fragmentar a realidade. Outro ponto importante desse tipo de pesquisa consiste na ênfase atribuída a subjetividade como forma de possibilitar maior compreensão e interpretação das experiências (POLIT, 2004).

Segundo Bogdan e Biklen (1994), na investigação com caráter qualitativo é possível problematizar as situações vivenciadas a fim de elucidá-las por meio de questões educativas referentes aos mesmos. Para eles a fonte direta para a obtenção de dados é o ambiente natural e o investigador é o principal instrumento. Para Bogdan e Biklen (1994)

Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 48).

Deste feito, a pesquisa teve como campo de coleta de dados uma Escola Municipal do Campo, na cidade de Jequié- BA com docentes que lecionam nas escolas do campo, anos finais do ensino fundamental e que possuem a formação contínua no Programa Despertar. Houve uma busca pela compreensão da prática pedagógica em Educação Ambiental vivenciada pela escola.

As técnicas utilizadas para a realização da coleta de dados se deram através da observação direta no ato da investigação. Para isso foi realizado um acompanhamento durante as atividades pedagógicas realizadas na escola, utilizando

como técnica de coleta, análise documental, o diário de bordo e a entrevista semiestruturada.

A pesquisa foi realizada nas seguintes etapas: Primeira: levantamento documental no banco de dissertações e teses da capes sobre as pesquisas desenvolvidas em educação ambiental e educação do campo tendo o materialismo histórico-dialético como referencial teórico metodológico nos últimos 5 anos. Segunda: Análise documental do Programa Despertar. E na terceira etapa: Foi realizado o acompanhamento das aulas com diário de bordo para facilitar os registros e por último utilizamos a entrevista para a produção do perfil dos docentes que atuam no Programa Despertar que foram identificados em suas respectivas formações, além de também identificar qual a relação entre a disciplina aplicada e a Educação Ambiental Crítica, bem como compreensão da autopercepção dos professores em EA e as suas interfaces após a formação ofertada pelo Despertar.

Seguindo essa proposta, a pesquisa documental foi realizada com um estudo a fontes diferenciadas sobre o programa Despertar como documentos oficiais do programa, Referencial curricular nacional em construção, cartilhas e manuais do programa tanto no município quanto no âmbito nacional, além de investigação também em outros registros históricos do programa disponíveis no site SENAR-BA.

A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

Utilizamos o diário de bordo, que é um gênero textual pelo qual se constrói um relato individual a partir das próprias percepções, para melhor registrar o acompanhamento durante a coleta de dados. De acordo a Falkembach (1987) o diário é um instrumento muito importante porque os registros devem ser feitos para que haja contextualização com a realidade em investigação pela pesquisa.

Combiná-lo com outras técnicas de investigação não só contribuirá, mas se fará necessário para o aprofundamento da busca de informações desde que, obviamente, o conjunto de técnicas criadas guardem coerência com o corpo teórico conceitual e princípios metodológicos que dão fundamento as práticas sociais em questão [...] os fatos devem ser registrados no Diário de Campo o quanto antes, se possível imediatamente depois de

observados, caso contrário, a memória vai introduzir elementos que se deram; e a interpretação reflexiva, não se separa de fato concreto, virá frequentemente a deturpá-lo (FALKEMBACH, 1987, p. 19 e 24).

Dessa forma o construímos o nosso diário de bordo a partir das observações diárias durante o acompanhamento as aulas, registrando momentos considerados relevantes para a pesquisa.

A entrevista foi a última etapa da coleta, a opção foi a semiestruturada possibilitando um diálogo mais natural, mais dinâmico para que os participantes pudessem sentir-se mais à vontade durante a participação. A entrevista semiestruturada uma estratégia para aprofundamento nos dados obtidos durante a coleta de dados. Para Laville e Dionne (1999) ao optar por esse tipo de entrevista é possível flexibilizar a coleta de dados, de modo que dar possibilidades de ampliar o diálogo entre as participantes. O pesquisador pode acrescentar perguntas, esclarecendo a entrevista e fortalecendo sua estratégia na coleta. Ainda segundo Laville e Dionne (1999, p.189) a entrevista semi - estruturada “possibilita um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores.” O referencial teórico-metodológico utilizado o materialismo histórico-dialético, amparado nas teorias de Marx (2008) que tem por objetivo compreender os objetos de estudo levando em consideração a dimensão totalitária. A epistemologia dialética visa a compreensão e análise de todo processo histórico, levando em consideração desde a origem até chegar nas determinações, sociopolíticas com as relações da vida humana concreta, real e objetiva.

Para análise de dados, utilizamos a categoria do materialismo histórico-dialético, Trabalho apresentando como o trabalho camponês vem sendo abordado pelos documentos do Programa Despertar. A partir desse viés surgiu a subcategoria o trabalho abstrato e o êxodo rural, que foi analisado através do diálogo com o contexto pesquisado. Desse modo, emergiram a categoria e a subcategoria apresentadas no quadro B

Quadro B. Categorias e subcategorias alinhadas ao estudo do Materialismo Histórico -Dialético

Categorias	Abordagem	Subcategorias
Trabalho	aborda como é apresentado o trabalho camponês nos documentos selecionados para análise;	O trabalho abstrato e o êxodo rural

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na categoria Trabalho: Como é apresentado o trabalho camponês nos documentos selecionados para análise, procuramos correlacionar a realidade concreta da comunidade, a partir da realidade da escola, com as informações obtidas nos manuais e no Referencial Curricular do programa, as observações realizadas durante as aulas e também com as entrevistas concretizadas com os professores.

Em Meio Ambiente, Trabalho e Consumo (2013) o Programa Despertar apresenta o trabalho sem trazer discussões sobre a essência ontológica do trabalho. O programa não apresentou referenciais acerca da dinâmica de reprodução das classes sociais por meio do trabalho. Nessa direção, as perspectivas situam-se no entendimento do trabalho como uma fonte para obtenção de recursos, sem possibilitar uma conscientização dos objetivos que norteiam a relação trabalho- natureza e sociedade. A abordagem é feita a partir de conjunturas superficiais, sem nenhum aprofundamento sobre a relação ser humano natureza e sobre as consequências na utilização dos recursos naturais em grande escala.

Nota-se que o documento reforça a lógica do capitalismo, há um estímulo para que a venda da força de trabalho seja vista como uma possibilidade de ascensão financeira. Desta forma, traz depoimentos de jovens que conseguiram a realização profissional e financeira através da venda da mão de obra por meio do trabalho. Não se percebe reflexões sobre o ato de produzir no capitalismo e os estudantes são levados a pensar no trabalho abstrato como uma atividade de produção necessária para a existência humana, Além de também não discutir as condições de trabalho.

O Programa, seguindo o manual supracitado e na cartilha do aluno, (Meio Ambiente, Trabalho e Consumo - 2013), afirma que com o passar dos anos, o trabalho e seu ambiente foi se tornando cada vez mais uma atividade inconsciente, devido a rotina na execução das tarefas favoreceu a não percepção do valor da atividade realizada e o entendimento do trabalho enquanto obrigação. Sabe-se

que, durante séculos, o trabalho fora associado ao sistema escravista e isso reforçou o pensamento na atividade trabalhista com sentimento de “submissão, de castigo, de opressão e cansaço”. Partindo desse entendimento, o Despertar, traz a concepção de que é preciso romper com essa abordagem, superar a ideia de trabalho enquanto obrigação.

O programa traz, então, uma abordagem de negação ao trabalho abstrato enquanto imposição das condições objetivas e a alienação dos trabalhadores. De acordo ao documento é possível que o trabalho seja sim uma atividade realizada por prazer e não por obrigação, “crianças o ato de trabalhar, não deveria se distanciar tanto do prazer de produzir” (2013, p.6). Em Marx, (2004) há, no entanto, apontamentos de que no modo de produção capitalista,

[...] o trabalho é externo (äusserlich) ao trabalhador, isto é, não pertence ao seu ser, que ele não se afirma, portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele, que não se sente bem, mas infeliz, que não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua physis e arruina o seu espírito. O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si [quando] no trabalho. Está em casa quando não trabalha e, quando trabalha, não está em casa. O seu trabalho não é, portanto, voluntário, mas forçado, trabalho obrigatório. O trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um meio para satisfazer necessidades fora dele. Sua estranheza (Fremdheit) evidencia-se aqui [de forma] tão pura que, tão logo inexista coerção física ou outra qualquer, foge-se do trabalho como de uma peste. (MARX, 2004, p. 82-83).

Observa-se que ao tratar do trabalho abstrato, Marx (2004) advoga que neste sentido, contra as ideias defendidas pelo programa Despertar, para ele o trabalho impõe estranhamentos que são provocados pelo afastamento da produção e do dinheiro, quanto mais riquezas o trabalhador produz, mais pobre ele se torna. O trabalhador se torna uma mercadoria miserável que segundo ele é uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias ele cria (MARX, 2004, p. 80). Mediante esse entendimento é possível concluir que, para Marx, dentro do modo de produção da sociedade moderna, não é possível aproximar o trabalho de uma relação prazerosa, uma vez que não há valorização do ser humano e que o estranhamento seja um ato existente nesta relação.

No segundo momento foi realizado acompanhamento das aulas com anotações em diário de bordo seguido das entrevistas aos professores. Nessa etapa foi possível perceber que, em maioria, o trabalho abstrato tem sido abordado

pelos docentes enquanto oportunidades para melhoria de vida, como forma de ascensão social. Elas argumentam que “graças a Deus a mentalidade dos jovens da comunidade, tem mudado bastante, muitos deles tem procurado trabalhar na cidade” (Caatinga). Entende-se que a partir da fala da docente, existe a crença de que a cidade é o local idealizado para o progresso, não há uma ênfase para que os discentes permaneçam no campo.

Para Pereira (2020), o êxodo rural é um movimento de migração dos camponeses para as cidades em busca de uma melhor condição de vida, isso perpassa pela educação, saúde, emprego dentre outros fatores. Marx (1982), na obra *O capital*, explica esse movimento, de saída do campo para a cidade, por meio do conceito da acumulação primitiva, onde ele afirma que por meio do capitalismo, os camponeses, sofreram uma violenta expropriação de suas terras e foram forçados ao trabalho como troca para obtenção de um valor que lhe pudesse garantir o mínimo de sobrevivência.

Os recursos que outrora eram compartilhados por todos socialmente, foi tomado por uma determinada classe social que passou a exercer o total domínio sobre a natureza, apropriando-se como elemento privado. Dentro da expropriação, sobretudo através desse processo, é que surgiram as desigualdades sociais, a fome, a pobreza, a apropriação e exploração dos recursos naturais que acarretou no desequilíbrio ambiental.

A acumulação primitiva pode ser compreendida como um marco importante para implantação do capitalismo, é justamente por meio dela que nasce o conceito da produção capitalista e também a luta de classes. No ato da expropriação as classes foram estabelecidas, enquanto que os expropriadores se constituíram enquanto a classe que detém os bens de consumo, os donos dos meios de produção, os expropriados, que perderam suas terras, tornaram-se a classe dos proletariados, os donos da força de trabalho. Estes últimos passaram, então a vender o que lhes sobrou, a sua mão de obra, para as fábricas e indústria, para poder garantir o sustento de suas famílias.

Para a professora Cerrado, “as perspectivas de vida da comunidade, dependem muito ‘desses jovens’, é preciso fazer um trabalho pedagógico que desperte o interesse deles trabalharem para melhorar a vida de suas famílias.” Uma das muitas falas da professora e que corrobora com o diálogo de Caatinga é que infelizmente, apesar do incentivo do programa *Despertar* em trabalhar com o empreendedorismo e até mesmo com a realização do projeto que culmina com

uma feira de produtos confeccionados pelos próprios alunos, onde através de barracas eles expõem esses produtos para venda, na prática a realidade é outra.

Enfatizam bastante a sustentabilidade e a reciclagem de produtos, abordam a coleta seletiva, mas segundo os relatos das docentes essas atividades parecem direcionar-se para fora da comunidade, como a associação de catadores, que não pertencem a comunidade, mas que são diretamente beneficiados com a estação montada na comunidade através do programa Despertar em parceria com a escola e a comunidade. Elas relatam que no comércio local, os pequenos comerciantes, por exemplo, não conseguem progredir. As condições financeiras da comunidade não possibilitam que os pequenos negócios como as padarias e mercearias mantenham-se portas abertas. Não há condições de investimento no comércio local que acabam fechando-se as portas e quando necessário os moradores se deslocam para a cidade para a realização de suas compras.

Marx sinaliza sobre esse processo que se iniciou desde o início da transição do sistema feudal para o capitalismo destacando a correlação entre o início do capitalismo e a compra e venda da força do trabalho, isto é o *trabalho como mercadoria*. O problema é que essa força de trabalho, dentro desse sistema econômico, não é comprada pelo valor equivalente, quanto mais o trabalhador usa a força do trabalho menos ele recebe.

Na prática o pensamento hegemônico, do capital, é que desenvolvimento é crescimento econômico, é progresso tecnológico, e, portanto, é uma mudança de um sistema tido como atrasado para um sistema moderno. Então dentro deste conceito a migração do campo para a cidade é vista como algo benéfico para os camponeses, a reprodução social dos moradores do campo trava uma luta para continuar sua permanência.

Ferreira (2021), também corrobora, com o conceito da acumulação primitiva, afirmando que a base desse processo está de fato na expropriação do produtor rural, onde os camponeses, que seriam os produtores de suas terras, são expulsos violentamente do campo e são migrados para os centros urbanos. Marx (1982) complementa chamando-nos a atenção sobre a separação existente entre os trabalhadores e a propriedade de seus meios de produção, nesse sentido os trabalhadores perdem o direito à terra e se tornam dependentes do trabalho, do capital, para assegurar-lhe a mínima condição de sobrevivência ao se transformarem em trabalhadores em assalariados.

A localização onde a comunidade está inserida é uma região muito beneficiada geograficamente, com o manancial de água doces, e com terras boas

para o plantio. Contudo há um enfraquecimento nas atividades locais como a pesca e o plantio, não é uma prática incentivada na comunidade, são pouquíssimos os moradores que trabalham nessa área, até mesmo para o sustento. É um mínimo de famílias que ainda cultiva em suas terras, a grande maioria desistiu, alegam a necessidade de trabalhar fora, de buscar uma atividade que lhes ofereça um salário. Deste feito, os camponeses têm sido atraídos para a cidade pela necessidade do capital, porque produzindo e ganhando tão pouco na própria comunidade não teriam a mínima condição de garantir a sua sobrevivência e de seus familiares.

A burguesia submeteu o campo ao domínio da cidade. Criou cidades enormes, aumentou imensamente a população urbana em relação à rural e arrancou assim uma parte considerável da população do embrutecimento da vida rural. Assim com subordinou o campo à cidade, subordinou aos países bárbaros e semibárbaros aos países civilizados, os povos camponeses aos povos burgueses, o Oriente ao Ocidente (MARX; ENGELS, 2012, p. 49).

Para a professora Floresta Amazônica que nasceu e cresceu na comunidade e nunca sentiu desejo de sair, “o trabalho precisa ser investido na própria comunidade”. Para ela, a comunidade precisa apoiar, “A gente deseja a mudança, ver nossos ex-alunos trabalhando, produzindo e investindo na própria comunidade. Vale salientar que em depoimentos colhidos durante a observação, os professores e os moradores da comunidade relataram que a maioria dos homens passam a maior parte do tempo do tempo na cidade. Nesse processo migratório que a comunidade vive atualmente, na busca de melhorias no salário, eles trabalham em construção civil no centro urbano e só retornam para casa nos fins de semana ou até mesmo a cada 15 dias. Além disso muitos deles tem optado pela vida na cidade, por ficar mais perto do trabalho, então as famílias acabam migrando junto para a área urbana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar sobre as formas de reprodução e as condições objetivas dos camponeses notamos que o documento traz uma ideia de trabalho que se distancia da relação com a reprodução individual e social dos seres humanos. A natureza é tratada enquanto elemento externo ao ser humano, não é levado em consideração a necessidade da relação com a natureza como uma forma de

metabolismo social. Antunes (2009) reafirma que por meio do trabalho que os “indivíduos devem reproduzir sua existência por meio de funções primárias de mediações, estabelecidas entre eles e no intercâmbio e interação com a natureza.” (ANTUNES, 2009, p. 22) No entanto, numa sociedade regida pelo capital vemos que o trabalho atende ao capital, assim como o sistema de metabolismo nessa sociedade que também visa atender a necessidade do valor de troca que é o reforço capitalismo. Assim, “as funções produtivas e de controle do processo de trabalho social são radicalmente separadas entre aqueles que produzem e aqueles que controlam.” (ANTUNES, 2009, p.24)

Ao tratar sobre os problemas e conflitos ocasionados ao ambiente fomos compreendendo a importância de levar em consideração a relação entre os seres humanos e a natureza, discutindo os impactos socioambientais decorrentes dessas ações. A partir dessa realidade fomos discutindo sobre a maneira como esses problemas vem sendo trabalhados na Educação Ambiental em escolas do campo fazendo uma problematização a respeito da formação que vem sendo ofertada aos docentes para que estes possam desenvolver suas práticas em sala de aula.

Utilizando o aporte teórico de Marx nos dedicamos a compreender as ações antrópicas e as suas consequências ao meio ambiente utilizando como referência para essa investigação o materialismo histórico-dialético. E aqui fomos percebendo o quanto que é necessário o desenvolvimento de pesquisas com essa finalidade para fortalecer o ensino de Educação Ambiental numa perspectiva crítica.

Então, um ponto muito forte observado foi o silenciamento das políticas públicas na formação de professores, as empresas privadas se lançam na oferta da EA e a partir daí estabelecem seus objetivos para esse processo formativo. Nessa perspectiva é crescente o número de empresas financiando os projetos voltados para a EA em todo o país, o que nos fez questionar sobre qual a real intenção dessas instituições que segundo eles não visam fins lucrativos.

Durante a pesquisa fomos percebendo que a maioria dos docentes da escola do campo ainda não compreenderam a EA na perspectiva Crítica, o que nos possibilitou perceber que o Programa Despertar, ao longo desses mais de 15 anos, não se preocupou em fundamentar uma formação dentro da racionalidade crítica. Segundo Diniz, (2014) essa racionalidade é a que compreende a necessidade do professor ser o pesquisador de sua própria prática pedagógica.

A abordagem durante as aulas ministradas pelos docentes ainda contempla o meio ambiente a partir da ideia de natureza como algo externo ao ser humano.

Logo, é perceptível a relevância dessa pesquisa à medida em que propõe importantes reflexões sobre os problemas ambientais que até então eram vistos enquanto ações externas ao ser humano e sem considerar as ações antrópicas. Desconsiderava também o contexto histórico pertencente a estas relações, a maneira de interação entre ser humano e natureza que foi sendo modificada ao longo dos anos em detrimento da economia, além de não perceber as diferentes explorações realizadas na natureza a partir das classes sociais. Durante muitos anos os estudos dedicados aos problemas ambientais estiveram ligados à uma abordagem tecnicista, que compreendia o ser humano enquanto ser genérico, onde acreditava-se que todos eram os responsáveis pelos danos causados ao meio ambiente de maneira igual.

Isso perpetuou por longos anos. E ainda hoje vemos uma formação voltada para esse mesmo fim. Então, proporcionar essa discussão através de um olhar crítico, dialógico, representa uma grande possibilidade de mudanças na Educação do campo e assim, provocar reflexões que visem a transformação social.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** São Paulo: Cortez, 1995.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 1999.

ANTUNES, R. **A desertificação neoliberal:** (Collor, FHC, Lula). Campinas: Autores Associado.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Portugal: Porto Editora, 1994

COSTA, César Augusto Soares da; ACCIOLY, Inny Bello; LIMA, Lucas Gama; LEMOS, Marcia S.; CARDOSO, Mario Mariano Ruiz. **Marxismo e questão ambiental: um debate introdutório;** El marxismo y la cuestión ambiental: un debate introductorio; Marxism and the environmental issue: an introductory debate. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 13, n. 2, p. 1-12, ago. 2021.

FALKEMBACH, Elza Maria F. **Diário de campo : um instrumento de reflexão. Contexto e educação.** Ijuí, RS Vol. 2, n. 7 (jul./set. 1987), p. 19-24 FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre: Artmed: Belo Horizonte: Editora UFMQ 1999. 339

LESSA, Sérgio. **Para compreender a ontologia de Lukács.** 3. ed. rev. e amp. Ijuí. Ed: Unijui, 2007

_____ ; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx.** São Paulo: expressão Popular, 2008

LUKÁCS, György. **Ontologia do Ser Social - Os Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx.** São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986

Marx, K. (2004). **Manuscritos econômicosfilosóficos.** São Paulo: Boi Tempo.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **Introdução à Crítica da economia política.** 1859. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000054.pdf>> Acesso em 25/03 /2022.

MARX, K. – **Vida e Obra.** São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. (Coleção Pensadores).

MARX, K.; ENGELS, F. Primeira parte. In: MARX, K.; ENGELS, F. A **Ideologia Alemã.** São Paulo: Boitempo, 2008.

MARX, K. **Manifesto do Partido Comunista.** Penguin Companhia, 2013.

MARX, K. **O capital. Coleção. Os Economistas.** São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14ª ed. Rio de Janeiro:Hucitec, 2014.

POLIT, D.F.; BECK, C.T.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos da pesquisa em enfermagem; métodos, avaliação e utilização.** Trad. De Ana Thorell. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. Santos, A.R.

SANTOS, T. M. , SILVA, S.N, **O Estagio supervisionado em educação ambiental no curso de licenciatura em Ciências Biológicas,** 2021.